

A política através da música: um estudo de caso sobre a Tropicália na década de 1960¹

Fernanda Duarte de Souza²
Riverson Rios³
Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO

De 1964 a 1985, o Brasil vivia em um contexto de repressão, censura e violência devido ao regime da Ditadura Militar. Assim, entre as diversas formas de protesto, estava o uso da música. Este artigo tem como objetivo analisar como a política se relaciona com a música, tendo como foco de estudo a Tropicália durante a Ditadura. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, com pesquisas bibliográficas e análise de canções do movimento. Concluiu-se, então, que o Tropicalismo fez uso de críticas implícitas e metáforas para refletir sobre o cenário brasileiro da época, assim conectando a música e a política.

PALAVRAS-CHAVE: Tropicália; Ditadura Militar; Política; Protesto; Juventude.

INTRODUÇÃO

Em 1 de abril de 1964, foi instaurada no Brasil a Ditadura Militar, na qual o Governo era administrado quase que exclusivamente por militares. O regime foi marcado pela censura e pela repressão no meio artístico e, por isso, diversos músicos tinham suas canções vetadas e eram proibidos de cantá-las, e os que desobedeciam sofriam consequências como a tortura e o exílio (AVELINO, 2018).

Por esse motivo, era muito comum que artistas usassem pseudônimos, metáforas e ironias para burlar a censura e propagar suas músicas. Dessa forma, muitas letras continham críticas veladas ao regime militar e, assim, se configuravam como uma forma de resistência à Ditadura.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo do ICA-UFC, email: fernandaduarte@alu.ufc.br.

³ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: riverson@ufc.br.

Ainda, “uma das medidas tomadas para tentar calar os artistas, foi a criação do Ato Institucional nº 5, que autorizava o presidente da república a punir todos os que fossem contra o seu regime” (AVELINO, 2018, p. 31).

Este artigo tem como objetivo analisar a relação que o cenário político do Brasil nos anos 1960 tinha com a música, tomando como objeto de estudo a Tropicália, além de investigar como o meio de comunicação musical pode ser usado como forma de resistência e protesto político. Para o estudo, foram feitas pesquisas bibliográficas e análises de músicas e acontecimentos do movimento.

1. O SURGIMENTO DO TROPICALISMO

O Tropicalismo, também conhecido como Tropicália, surgiu oficialmente em 1967 – com sua estreia marcada pela premiação das músicas “Domingo no parque” e “Alegria, alegria” no III Festival de MPB da TV Record, consagradas com o 2º e 4º lugar, respectivamente - em um contexto de repressão e censura das manifestações artísticas por parte da Ditadura Militar vigente.

O movimento irrompeu logo após a popularização dos gêneros musicais bossa-nova e canção de protesto, liderados por jovens de classe média, que tinham como principal objetivo a representação de temas da classe baixa nas canções, o manifesto contra a ditadura e o rompimento com as influências estrangeiras na música brasileira.

Apesar disso, a Tropicália emergiu como um movimento que acolhia a influência da música internacional – em especial o estilo chamado de iê-iê-iê, representado principalmente pelos Beatles –, ia contra o tradicional na música brasileira e tinha uma posição de descomprometimento na política, o que inicialmente foi interpretado pelos militares como uma forma de alienação e passividade.

O movimento foi formado por nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Os Mutantes, e foi mal aceito pelo público ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE), enquanto foi elogiado por grupos de vanguarda (TINHORÃO, 2013). Seu nome adveio do título do LP “Tropicália ou Panis et circensis” que, por sua vez, teve o nome batizado pela canção “Tropicália” de Caetano Veloso, cujo título foi dado pelo cineasta Luís Carlo Barreto em homenagem à exposição homônima do artista plástico Hélio Oiticica (TINHORÃO, 2013).

1.1 A relação da Tropicália com a política

Visto como desmoralizante e debochado pelos militares da ditadura, o Tropicalismo se mostrava como revolução utilizando um elemento marcante: a rebeldia, que era incorporada em críticas aos padrões do sistema e na exploração de aspectos visuais e estéticos (HOLLANDA; GONÇALVES, 1989). O movimento apresentava uma preocupação pela forma material das palavras nos aspectos sonoros e visuais – principalmente nas canções de Gilberto Gil e Caetano Veloso.

A Tropicália pregava a liberdade, oferecia uma nova visão da realidade brasileira e trazia a união da música brasileira com a cultura mundial – que, na época, era desprezada pela maioria dos músicos, já que estes prezavam por um estilo musical tipicamente brasileiro-, acolhendo características como a guitarra elétrica e o rock. Já as letras das músicas do movimento eram marcadas pela ironia, pela crítica, muitas vezes sutil, ao cenário do País, pela construção de imagens e pelo experimentalismo. O Tropicalismo se caracterizava como um “antimovimento”, carregava um caráter mais implícito do que explícito, criticava as censuras impostas pelo regime militar e misturava diferentes gêneros musicais em suas canções (SILVA; GONÇALVES, 2018).

Apesar disso, grande parte da militância de esquerda repudiava o movimento, pois o considerava alienante e contrário à revolução que desejavam para o Brasil, o que os levou a vários confrontos com os tropicalistas. O ápice desses embates se deu no III Festival Internacional da Música, em São Paulo, no qual Caetano Veloso foi vaiado ao cantar a música “É proibido proibir” – que criticava a censura e a sociedade de consumo – e, ao ser impedido de cantar, protagonizou um *happening*⁴ em que repreendeu a juventude:

Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir, este ano, [...] um tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado! São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada. [...] Que juventude é essa? (“Áudio e transcrição do discurso – Tropicália”, [s.d.]).

Posteriormente, em 1968, Caetano Veloso e Gilberto Gil, principais líderes do Tropicalismo, foram presos e, em seguida, exilados do Brasil. O episódio acontecia no contexto do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que reforçava a censura e a perseguição pelos militares. Sobre o cenário, o cantor Tom Zé (“Tropicália”, 2012), participante do

⁴ Forma de expressão artística que envolve o improviso e a espontaneidade.

movimento, afirmou que “na ditadura, pensar era crime, [...] nós éramos um mundo de opressão. [...] Eles (Caetano e Gil) ‘tavam’ presos, mas as canções ‘tavam’ por aí.” Ainda, Gilberto Gil (“Tropicália”, 2012) declarou que “a maneira como [...] a ditadura se relacionava com a variedade de manifestações do Brasil era, basicamente, de hostilidade a tudo e a todos”.

2. ANÁLISE DAS MÚSICAS TROPICALISTAS

2.1. A imagem do Brasil em “Tropicália”, de Caetano Veloso

Composta e interpretada por Caetano Veloso, “Tropicália”, que deu nome ao movimento, foi lançada em 1968 e critica principalmente a desigualdade social, destacando a combinação de arcaico e moderno no Brasil. A música compõe uma imagem do País marcada pela antítese entre os diferentes aspectos da sociedade – sobretudo nos refrões –, como no primeiro refrão “*Viva a Bossa, sa, sa/ Viva a Palhoça, ça, ça, ça, ça*”, em que a Bossa representa o movimento Bossa nova, popular entre a classe média, e contrasta com a palhoça, que diz respeito à ruralidade (NOGUEIRA; CARMO; BONJORNIO, 2014).

Já nos versos posteriores “*E no joelho uma criança/Sorridente, feia e morta/Estende a mão*”, há a crítica à desigualdade social, com a criança que estende a mão, indicando a mendicância, simbolizando a pobreza e a violência.

Há ainda a reflexão sobre a ditadura militar vigente na época, em versos como “*Senhoras e senhores, ele põe os olhos grandes sobre mim*” - no qual o pronome “ele” diz respeito ao monitoramento da ditadura –, e “*Que tudo mais vá pro inferno, meu bem*”, em referência a Roberto Carlos⁵, em que se forma uma resposta ao militarismo (NOGUEIRA; CARMO; BONJORNIO, 2014).

2.2. “Panis et circensis”, de Os Mutantes, e a indiferença da burguesia

Título do álbum, “Panis et circensis” foi composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil e interpretada pelo grupo Os Mutantes em 1968. O título da música faz referência à política de Pão e Circo do Império Romano, na qual a população se entretinha com alimentos e espetáculos oferecidos pelo Império como uma forma de alienação ao panorama político em que viviam.

⁵ Música “Quero que vá tudo pro inferno”, de Roberto Carlos.

A faixa reflete sobre a organização familiar, principalmente a burguesa, e sobre a indiferença dos mesmos quanto ao cenário brasileiro da época. Os versos “*Mas as pessoas na sala de jantar/ São ocupadas em nascer e morrer*”, repetidos diversas vezes, destacam a acomodação e despreocupação da família burguesa em relação ao contexto do Brasil, pois, enquanto está acontecendo a perseguição, a repressão, a violência e os confrontos com os militares, as famílias só estão ocupadas “em nascer e morrer” (SILVA; GONÇALVES, 2018).

“Panis et circensis” tem como objetivo “questionar e satirizar a comodidade e o conservadorismo desse modo de viver familiar, bem como enfatizar a alienação burguesa” (SILVA; GONÇALVES, 2018, p. 247), e utiliza, ainda, ao final da música, sons que simulam um ambiente de uma sala de jantar com pessoas comendo.

2.3. Perseguição e resistência em “Divino Maravilhoso”, de Gal Costa

Gal Costa em “Divino Maravilhoso”, composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil e lançada em 1968, apresenta uma imagem de resistência e enfrentamento ao golpe militar. Na música, Gal aconselha o ouvinte a estar sempre em estado de alerta, remetendo ao estado de tensão em que se vivia na época, como em “*Atenção, precisa ter olhos firmes/ Pra este Sol, para esta escuridão*”, e denuncia a violência no País em “*Atenção para o sangue sobre o chão*” (NOGUEIRA; CARMO; BONJORN, 2014).

A letra da música ainda ressalta a luta contra o regime militar e uma postura de afirmação da vida no refrão “*É preciso estar atento e forte / Não temos tempo de temer a morte*” e, por fim, contrasta as violências e a realidade brasileira com a maravilhosidade e beleza da vida na estrofe “*Atenção / Tudo é perigoso / Tudo é divino maravilhoso*” (NOGUEIRA; CARMO; BONJORN, 2014).

Assim, a letra de “Divino Maravilhoso”

Dialoga muito com o momento de tensão da época pela ótica de enfrentamento da juventude para com a ditadura instaurada dois anos antes, e que poucos dias depois assumiria um papel muito mais repressor, com a instauração do AI-5. (NOGUEIRA; CARMO; BONJORN, 2014, p. 20)

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar a relação entre a política e a música, utilizando o movimento Tropicália como objeto de estudo. Conclui-se que o Tropicalismo teve uma importante conexão com a política, principalmente por conta do cenário da Ditadura Militar vigente no tempo em que se deu o movimento. As letras de

suas canções são carregadas de metáforas e simbolismos que criticam a repressão, a violência e o cenário brasileiro do período.

Assim, a Tropicália exerceu um importante papel na música ao promover uma revolução tanto estética quanto política. Por fim, para aprofundar ainda mais a temática, sugerem-se que futuros trabalhos analisem a associação da política com a música a partir de outros artistas ou movimentos, a exemplo do grupo Racionais MC's, a fim de expandir o tema a outros nichos musicais e obter novas informações com o estudo.

REFERÊNCIAS

Áudio e transcrição do discurso – Tropicália. Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/e-proibido-proibir/discurso-de-caetano>>. Acesso em: 8 agosto 2024.

COELHO, Cláudio N.P. A tropicália: cultura e política nos anos 60. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 1(2): 159-176, 2.sem. 1989

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1989. 101p. (Tudo é história;41)

NOGUEIRA, B. H.; CARMO, L. C. Do; BONJORNIO, M. C. F. “CAMINHANDO CONTRA O VENTO”: uma análise discursiva das canções do movimento Tropicália. *Revista Eletrônica de Letras*, v. 7, n. 7, p. 41, 2014.

SANTOS, L. P. A. Dos. “É preciso estar atento e forte”: como Gal Costa e Elis Regina se posicionaram politicamente através da música durante o período da ditadura. Universidade Federal Fluminense, 2023.

SILVA, B. S. M. Da; GONÇALVES, J. Y. Contracultura e transgressão: uma análise do álbum “Tropicália ou Panis Et Circencis” (1968). *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 36, p. 234-254, 2018.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular: Segundo seus gêneros*. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2013. 346 p.

TROPICÁLIA. Direção: Marcelo Machado, Brasil, 2012

AVELINO, C. Do N. A importância das músicas de protesto no contexto da ditadura civil-militar no Brasil. *Das Amazônias/Revista Discente de História da UFAC*, v. 1, n. 1, p. 28–39, 2018.